

TODA FEMINISTA PRECISA LER LÉLIA GONZALEZ

EVERY FEMINIST SHOULD READ LÉLIA GONZALEZ

Victoria da Paixão¹

Sempre-vivas são flores da região da Chapada Diamantina, geralmente miudinhas, que mantêm sua beleza por décadas, reagindo às condições climáticas, mesmo depois de colhidas. A coleta predatória para comércio como forma de complementação da renda no período do garimpo quase levou essa espécie à extinção, muito embora a coleta estivesse proibida desde 1985, com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Em visita recente ao Projeto Sempre Viva e ao Parque Municipal de Mucugê, na Bahia, conhecemos um pouco mais sobre essa espécie de flor que nunca morre e sobre a atividade das mulheres no garimpo durante o séc. XIX e XX.

É neste contexto que surgiu a ideia de criarmos a coluna Sempre-vivas da Revista Direito e Feminismos, que consiste em uma homenagem das mulheres que nos antecederam. É uma forma de cuidar de sua memória e enaltecer sua história, ao manter grandes pensadoras vivas pulsando em nossos escritos.

Nesse primeira edição da revista, dedicamos a seção Sempre-vivas à Lélia Gonzalez.

Sendo assim, primeiro temos que agradecer a quem manteve o pensamento e a história de Lélia Gonzalez vivos, em especial Alex Ratts, autor da obra sobre Beatriz Nascimento, a qual tive o prazer de ler. Agradeço também à Flavia Rios quem escreveu, junto a Ratts, sobre a trajetória de Lélia Gonzalez e, também, organizou, em parceria com Marcia Lima, as obras da intelectual no livro “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano”. E, por fim, mas não menos importante, agradeço à Rubens Rufino, filho de Lélia. São pouquíssimos nomes citados perto da quantidade de pessoas que se movimentaram para fazer com que a história da autora não fosse silenciada.

Tenho a audácia de dizer que se sua ação feminista não passou por um texto de Lélia Gonzalez, você deveria rever seu feminismo.

Lélia nasceu em 01 de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, décima sétima filha do ferroviário Accacio Joaquim de Almeida e da empregada doméstica Urcinda Serafim de Almeida. Lélia é uma das maiores escritoras do Brasil, com contribuições imprescindíveis para o movimento negro e o feminismo negro, mas também para o feminismo em todas as suas vertentes. Ela tem potência para ser base de todo movimento feminista, digo aqui potência, pois como mulher, preta intelectual e militante, a autora sofre a tentativa de apagamento histórico não só por conta do seu perigoso potencial, mas também por todos esses marcadores que estão escritos em seu corpo. Toda sua obra escrita é de grande importância para entender melhor as dinâmicas do nosso país e as formas de luta contra as opressões de gênero, raça e classe.

A trajetória de Lélia Gonzalez pode ser lida na coleção “Retratos do Brasil Negro” no livro intitulado com seu nome. Sua história passa por momentos de uma criança que não

¹ Formada em licenciatura em história pela UFBA, PIBID (2017), Residência pedagógica (2018-2019). Ganhadora do prêmio Fundação Pedro Calmon pela lei Aldir Blanc na categoria memória com o trabalho “Apaoká: a história de mulheres negras para a difusão da memória do Estado da Bahia”. Faz parte do grupo de pesquisa Milonga e Coordenadora da Comissão da Promoção por Igualdade Racial do IBADFEM.

aceita ser empregada de uma família branca até estar entre uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Olodum. A escritora tem formação em história e filosofia com doutorado na área de antropologia, sua linha de estudo é voltada para gênero e raça, com textos importantes sobre a formação do Brasil. É necessária a leitura dos textos como “A categoria político-cultural de Amefricanidade”; “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano”; “Racismo e sexismo na cultura brasileira”; entre outros.

Lélia foi ativa politicamente não só na elaboração de ideias, foi um verdadeiro exemplo de práxis. Suas ações políticas passam da formação de coletivos até candidaturas para ocupar cargos de deputada federal e estadual. Seus trabalhos incomodaram a ditadura e todos que acreditavam na falácia da democracia racial. A intelectual teve importância nacional e internacional, realizou viagens para debater questões voltadas para a população negra e das mulheres, como a Conferência Alternativa da Década da Mulher (1980) e a Conferência Internacional “Negritude, Etnicidade e Afroculturas das Américas” (1987).

Uma das pioneiras no debate de gênero, raça e classe, Lélia Gonzalez influenciou escritoras como Sueli Carneiro, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Akotirene, entre outras autoras. E, quanto à Angela Davis, é preciso falar do incômodo que a filósofa por diversas vezes já demonstrou ao falar no Brasil:

“Sempre tento deixar muito claro que eu tenho muito mais a aprender com as pessoas que estão construindo a luta no Brasil do que elas têm a aprender conosco. As tradições do feminismo negro daqui tem muita potência e eu acho que o mundo precisa conhecer o trabalho de Lélia Gonzalez.”

Davis reitera que aprende muito com o feminismo negro desenvolvido no nosso país e em várias oportunidades ressaltou a importância de Lélia Gonzalez e como aprendeu com seus trabalhos.

É urgente fazermos uma crítica de como lidamos com nossas autoras negras e da forma como essas mulheres são desvalorizadas ao ponto de serem apagadas da história. Lélia Gonzalez deveria estar em todos os livros didáticos, em ementas dos cursos universitários e no debate de cada militante progressista.

Apesar de sua ausência injustificada nesses espaços, enquanto houver pessoas lutando contra as opressões estruturais do capitalismo, **LÉLIA GONZALEZ SEGUIRÁ, EM NOSSA MEMÓRIA, SEMPRE VIVA!**

REFERÊNCIAS

Angela Davis fala sobre movimento negro brasileiro, 21 de outubro de 2019. 1 vídeo (03min49s). Publicado pelo canal Rede TVT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j4rQBkHQOgw>. Acesso em: 30 jun. 2022.

DAVIS, Angela, and Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Brasil: Boitempo Editorial, 2016.

GONZALEZ, Lélia, and Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Brasil: Zahar, 2020.

RIOS, Flavia, et al. Lélia Gonzalez. Brasil: Selo Negro Edições, 2014.